

AS “NEGAS” DELE: VIOLÊNCIA RACIAL INTRAGÊNERO E MARCAS DO BRASIL COLÔNIA EM CONTEXTOS RURAIS BAIANOS NO SÉCULO XXI.

Autora: Maria Asenate Conceição Franco

Universidade Federal da Bahia; Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia Baiano; e-mail:
masenatecf@gmail.com.

Resumo

Na historiografia feminina brasileira a imagem da mulher negra é ressignificada a partir do ideário de hipersexualização colonial. Exótica, objeto sexual, fogo nato, sensual e culpabilizada por ‘provocar’ os homens, sendo sua alcunha denominada pelas entrevistadas de, as “negas” dele. Este artigo resulta de excertos oriundos das narrativas de histórias de vida evocadas por mulheres baianas trabalhadoras rurais das cidades de Governador Mangabeira e Muritiba durante pesquisa de campo do doutorado em andamento sobre violências de gênero e mulheres rurais. Em meio as falas elas evocaram a ‘traição’ de seus maridos ao manterem vínculos afetivos extra conjugais com mulheres, denominadas pelas informantes de, as “negas” dele. Considerar a opressão e desvalorização da mulher negra na sociedade contemporânea arraigada por traços patriarcais/ machistas/ sexistas/ racistas, este artigo propõe analisar e problematizar à luz da literatura específica e empiria, o imaginário social capaz de coisificar e demarcar lugar social da mulher negra, estigmatizada e estereotipada por marcadores de diferenciação como gênero raça. Outrora a mulher negra escravizada e submetida ao estupro colonial, violência sexual naturalizada na época pela classe hegemônica branca e conseqüentemente, origem da miscigenação, um dos pilares da enaltecida democracia racial. Conserva-se na atualidade *continuum* comportamento masculino que subvaloriza e oprime a mulher e independe se cônjuge ou não, a misoginia atua. Os arremates contextualiza a mulher negra, sujeito político e sua superação da opressão de gênero e raça e classe social.

Palavras-chave: Gênero, Raça, Mulheres Rurais, Opressão, Continuum.

Introdução

Este artigo resulta de excertos oriundos das narrativas de histórias de vida evocadas por mulheres baianas trabalhadoras rurais das cidades de Governador Mangabeira e Muritiba durante pesquisa de campo do doutorado em andamento sobre violências de gênero e mulheres rurais. Em meio as falas elas evocaram a ‘traição’ de seus maridos ao manterem vínculos afetivos extra conjugais com mulheres, denominadas pelas informantes de, as “negas” dele. Considerar a opressão e desvalorização da mulher negra na sociedade contemporânea arraigada por traços patriarcais/ machistas/ sexistas/ racistas, este artigo propõe analisar e problematizar à luz da literatura específica e empiria, o imaginário social capaz de coisificar e demarcar lugar social da mulher negra, estigmatizada e estereotipada por marcadores de diferenciação como gênero raça. Outrora a mulher negra escravizada e submetida ao estupro colonial, violência sexual naturalizada na época pela classe hegemônica branca e conseqüentemente, origem da miscigenação, um dos pilares da

enaltecida democracia racial. Conserva-se na atualidade *continuum* comportamento masculino que subvaloriza e oprime a mulher e independe se cônjuge ou não, a misoginia atua. Analisar e problematizar, a partir do tripé gênero, raça e perspectiva feminista, a trajetória de mulheres negras na sociedade patriarcal brasileira, a partir das falas de mulheres trabalhadoras rurais, “traídas” por companheiros; o adensamento da misoginia intragênero e desculpabilização do homem infiel, e ‘subvalorização’ das “negas” dele;

Destarte, o artigo problematiza o imaginário social gênero e raça, o lugar social da mulher negra, objetificada pela supremacia patriarcal, é o cerne e propõe, com base nas falas de mulheres rurais “traídas” por companheiros, a subvalorização da mulher, “as nêgas dele”; adensamento da misoginia intragênero e desculpabilização do homem. Análise de dados empíricos e revisão bibliográfica embasam o debate. Os arremates contextualiza a mulher negra, sujeito político e sua superação da opressão de gênero e raça, *continuum* na hierarquização entre gênero.

A priori, o debate proposto implica na contextualização dos discursos femininos de viés machista, o que remota a emergência do sistema patriarcal, fundante da opressão, dominação e exploração da mulher, a saber, aquela escravizada e submetida à violação do corpo. A intenção do artigo, vai além de aparências que podem reforçar o direito masculino à múltiplas relações afetivas, mas reforça o quão o marcador raça e a “hipersexualização” da mulher a objetificar socialmente. Quero também destacar a importância do poder da fala conferido a mulheres no seu ‘mundo rural’ recheado de especificidades, como por exemplo dificuldades para acessar equipamentos públicos e conseqüentemente, direito a usufruir de bens e serviços socioassistenciais. Ainda se referindo à visibilidade das mulheres evidenciadas, neste caso, minha pesquisa de campo ao privilegiar a História de Vida permite o diálogo não simplesmente a fala e, mas conhecimento de aspectos não estruturados pela nossa condição e pesquisadora (DEBERT,1986), ou seja, extrapolar a linearidade sobre o que se quer conhecer, analisar. Neste sentido, a temática mulher negra e sua sexualização originou-se da liberdade das entrevistadas evocar suas narrativas democraticamente e apontar vozes racistas intragênero.

O trabalho traz como base empírica, falas de mulheres trabalhadoras rurais das cidades de Governador Mangabeira e Muritiba do Estado da Bahia. Ressalto que o fragmento aqui analisado, é resultado da pesquisa de campo, realizada entre 2016 e 2017¹. Na condição de doutoranda, desenvolvo estudos baseados no tripé: gênero, Direitos Humanos e Políticas Públicas, o que me possibilita analisar a questão das violências de gênero em comunidade rurais baianas, mais precisamente, **Conversas sobre violência de gênero no meio rural do recôncavo baiano:** marcas das rupturas de integridade nas histórias de vida de mulheres camponesas. Sendo assim, o fenômeno da violência de gênero, tem como locus o espaço familiar, este, privilegiado para desencadear a assimetria de poder que envolve o cotidiano das relações sociais; fenômeno resultante da organização social de gênero; poder masculino a partir da relação patriarcal de gênero.

¹ Convém registrar que a pesquisa mencionada, encontra-se em conclusão.

Mulheres vitimizadas, contudo não consentem violências em suas vidas, ou seja, não se dispõem à dominação masculina (SAFFIOTI, 2004; BANDEIRA, 2014; LISBOA, 2014).

Outrossim, os contatos² com mulheres trabalhadoras rurais, perdura há quase quatro anos. Realizei trabalho de socioeducativo, grupo focal, rodas de conversa na Sede dos Sindicatos Rurais das duas cidades mencionadas. Em outra ocasião, adentrei ao espaços rurais, e desenvolvi, nas associações comunitárias, atividades extensionistas durante sete meses. Entretanto, as viagens às comunidades rurais, aconteciam independentemente de reuniões agendadas. Motivo para estreitar vínculos amigáveis e reconhecimento *in colo* que viabilizasse minha pesquisa do doutorado, em andamento. Analisar e problematizar, a partir do tripé gênero, raça e perspectiva feminista, a trajetória de mulheres negras na sociedade patriarcal brasileira, a partir das falas de mulheres trabalhadoras rurais, “traídas” por companheiros; o adensamento da misoginia intragênero e desculpabilização do homem infiel, e ‘subvalorização’ das “negas dele”;

Rememorar o estupro colonial (CARNEIRO, 2002), ato sexual brutal, cometido por senhores brancos que chegaram no Brasil a partir do século XVI, é compreender que essa herança colonial, responde pelos estereótipos, objetificação e reificação da mulher negra. No cenário machista, é ela, objeto de ostentação, de consumo e, como bem diz Sueli Carneiro (1995, p.547): “[...] não somos fiscais de tesão de ninguém, [...]”. A apropriação sexual das mulheres negras (e índias) no período colonial, pelos ‘colonizadores’, contribuiu para miscigenação populacional, logo, surgimento da ‘mulata’³ e, conseqüentemente, com o discurso da democracia racial brasileira (FREYRE, 2005). Para o entendimento da pesquisadora ativista feminista negra Sueli Carneiro (2011, p. 66): “[...] a miscigenação vem dando suporte ao mito da democracia racial, na medida em que o intercuro sexual entre brancos, indígenas e negros seria o principal indicativo de nossa tolerância racial, argumento que omite o estupro colonial praticado pelo colonizador sobre mulheres negras e indígenas, [...]”.

As práticas sociais e manifestações (simbólicas) racistas e sexistas reforçam o lugar de inferioridade e sexualidade ‘anormal’ da mulher negra (LINO, 2005). Destarte, O continuum histórico dos marcadores gênero e raça na vida de mulheres negras, obsta ascensão social, visibilidade de seus atributos desarraigados de estereótipos e ‘marcas coloniais’. Entretanto, a desvalorização feminina no mundo machista, de certo, independe de raça⁴, embora o estigma da sexualidade, ‘a boa de cama’, é, frequentemente, atribuído à mulher negra.

² Entre os anos de 2103 e 2015, foram implementados dois projetos aprovados pelas Pró- Reitorias de Pesquisa e Extensão do IFBAIANO, sendo o primeiro, de pesquisa e, o segundo, extensão. Ambos versaram sobre a temática: Direitos Humanos, Representação social da violência contra a mulher rural, Ruralidades e Políticas Públicas.

³ [...] mulata é uma figura engendrada, culturalmente construída num longo processo histórico que a opõe seja às figuras femininas que são moedas correntes em nossas pesquisas, seja às figuras masculinas que se opõem a ela (opondo-se ao mesmo tempo, ao Branco e ao Negro) (CORRÊA, 1996, p. 48).

⁴ Cf. Carneiro (1995).

Passagens do livro Casa Grande e Senzala de Gilberto Freyre (2005), revelam o quão coisificada sexualmente as mulheres escravizadas, das raças submetidas ao domínio do colonizador. E, a partir do imaginário social do espectro cromático, enfatiza o autor: “[...] a mulher morena tem sido tem sido a preferida dos portugueses para o amor., pelo menos para o amor físico. [...]. Com relação ao Brasil, que o diga o ditado: “Branca para casar, mulata para f..., negra para trabalhar” (p. 71-72).

Em outra passagem, [...] – do menino sempre rodeado de negra ou mulata fácil- [...]. Conhecem-se casos no Brasil [...] mas de exclusivismo: homens brancos que só gozam com a negra. Outro destaque refere-se a um jovem que: “[...] para excitar-se diante da noiva branca precisou, nas primeiras noites de casado, de levar para a alcova a camisa úmida de suor, impregnada de bundum da escrava negra, sua amante.

O exposto permite salientar sobre gênero, constructo social, percebido como conjunto de normas que modela homens e mulheres, expressa nas relações destas duas categorias sociais (SAFFIOTI, 2004), enquanto raça, categoria construída no mundo social, cultural e político a partir do poder entre homens e mulheres ao longo do processo histórico (LINO, 2005).

Marcadores sociais de diferença, a exemplo de gênero e raça interagem de modo conjuntural e contextualmente, portanto, não atuam distintamente, mas intersectam e, conseqüentemente, inexistente a hierarquia de opressão desses elementos constitutivos das relações sociais.

Metodologia

A pesquisa social guarda estreitamento nas relações entre quem pesquisa e quem é pesquisada/o. Escolher percurso metodológico enquanto instrumento de reconstrução de identidade, a exemplo do objeto de pesquisa é primordial. Sendo assim, História de Vida como método da pesquisa qualitativa, investiga e apreende realidades imbricadas nas histórias individual e a coletiva, assim como; é base para compreensão das mudanças sociais inexoráveis no cotidiano do ser individual e ser social (GILL; GOODSON, 2015). Precisamente história de Vida:

[...] é um instrumento de pesquisa que privilegia a coleta de informações contidas na vida pessoal de um ou mais informantes. [...] As formas novas valorizam a oralidade, as vidas ocultas, o testemunho vivo de épocas ou períodos distantes”. [...] pode ter a forma autobiográfica, onde o autor relata suas percepções pessoais, os sentimentos íntimos que marcaram sua experiência ou os acontecimentos vividos no contexto de sua trajetória de vida. Pode ser um discurso livre de percepções subjetivas ou recorrer a fontes documentais para fundamentar as afirmações e relatos pessoais (CHIZZOTTI, 2009, p.95).

As entrevistas narrativas no diálogo com as informantes, auxiliou avolumado de registros sobre aspectos de suas vidas, embora há existência dos não-ditos registados nas memórias subterrâneas (POLLAK, 1989). Neste sentido as entrevistas narrativas segundo Muylaert, Camila Junqueira, et all (2014, p. 194), se

[...] caracterizam como ferramentas não estruturadas, visando a profundidade, de aspectos específicos, a partir das quais emergem histórias de vida, tanto do entrevistado como as

entrecruzadas no contexto situacional. [...]. Tendo como base a ideia de reconstruir acontecimentos sociais a partir do ponto de vista dos informantes

A dinâmica das trajetórias de vida das entrevistadas, revelaram momentos singulares, entretanto, o recorte aqui analisado, refere-se a violência de gênero duplamente materializada. A mulher campesina, esposa, mãe, objetificada pelo esposo, enquanto a “nega”, também coisificada por este homem e, conseqüentemente, subvalorizada pela esposa. E, neste recorte analisado, Becker ressalta que

[...]. Cada peça acrescida num mosaico contribuiu um pouco para nossa compreensão do quadro como um todo. Quando muitas peças já foram colocadas, podemos ver, [...] os objetos e as pessoas que estão no quadro, e sua relação uns com os outros. Diferentes fragmentos contribuem diferentemente para nossa compreensão: [...], (1999, p. 104).

Resultados e Discussão

No Brasil, o racismo desenvolveu-se de forma peculiar. Apesar de instrumentos legais, a exemplo do Estatuto da Igualdade Racial e materialização das Ações Afirmativas, a exemplo das cotas para pessoa negra nas universidades Públicas, O Estado e a sociedade ainda recorrem, mesmo velado, ao mito da democracia racial, este, visivelmente materializado as práticas sociais e discursivas. Bebel Nepobuceno (2012), ao discorrer sobre o protagonismo ignorado de mulheres negras pós- Abolição, chama a atenção do *continuum*, raízes da desigualdade, escassez de privilégios na trajetória de vida das mulheres negras na contemporaneidade.

A adjetivação racializada, ‘negra’ tem demarcado lugares de mulheres negras, sem ‘r’: “Que nega linda!”, “nega safada”, “nega gostosa”, e, no espectro cromático: “nega cor *de jambo*”. O aprisionamento da imagem da mulher negra a estereótipos ligados ao servilismo, dependência, à inferioridade por pertencer ao grupo étnico- racial do povo negro. O exórdio exposto, constitui a base para as falas das mulheres campesinas baianas, ‘traídas’ por seus companheiros, estes, na supremacia do macho opressor e seu poder fálico, ‘arrumava suas negas na rua’, constituindo assim, relações extraconjugais.

Assim, Carneiro (2003, p. 14) nos alerta sobre a relação gênero e raça serem analisadas indistintamente, para a autora: [...] desprezar a variável racial da temática de gênero é deixar de aprofundar a compreensão de fatores culturais racistas e preconceituosos determinantes nas violações dos direitos humanos das mulheres no Brasil[...].

Passagens do livro Casa Grande e Senzala de Gilberto Freyre (2005), revelam o quão coisificada sexualmente as mulheres escravizadas, das raças submetidas ao domínio do colonizador. E, a partir do imaginário social do espectro cromático, enfatiza o autor: “[...] a mulher morena tem sido tem sido a preferida dos portugueses para o amor., pelo menos para o amor físico. [...]. Com relação ao Brasil, que o diga o ditado: “Branca para casar, mulata para f..., negra para trabalhar” (p. 71-72).

Em outra passagem, [...] – do menino sempre rodeado de negra ou mulata fácil- [...]. Conhecem-se casos no Brasil [...] mas de exclusivismo: homens brancos que só gozam com a negra. Outro destaque refere-se a um jovem que: “[...] para excitar-se diante da noiva branca precisou, nas primeiras noites de casado, de levar para a alcova a camisa úmida de suor, impregnada de bundum da escrava negra, sua amante.

Rememorar a sujeição da mulher escravizada, oprimida e subalternizada aos caprichos da Casa Grande. Destinada de uma mucama, era, a mulher negra, submetida aos desejos e satisfações sexuais de homens sórdidos. Na atualidade, homens reproduzem costumes patriarcais e mantém relacionamentos extraconjugais. De certo. Não obstante, mulheres, inconformadas com a infidelidade, atribui à mulher negra, o estigma de amante. Não necessariamente, as amantes de seus maridos, no seu espectro cromático, não necessariamente, possam ser consideradas negras. Equivale ressaltar a subvalorização gênero e raça há mais de quatro séculos em território brasileiro/ baiano.

No trabalho de campo, foram realizadas, vinte e uma entrevistas⁵ narrativas em profundidades com mulheres baianas campesinas, entretanto, os fragmentos aqui transcritos, foram selecionados para fins do trabalho proposto. as quais, contaram trajetórias de histórias vida a partir de sua infância até a fase atual.

As transcrições das falas são originais, isto é, transcritas a partir da linguagem das entrevistadas (JOVCHELOVICH S, BAUER MW, 2002)

Amentista, nesta fala, rememora o início do casamento, ainda nos primeiros meses, foi traída pelo marido: “[...] isso começou as negas dele; depois, arrumou mais outra, levou sete anos.” (Amentista⁶).

Já Maricotinha, com sua fala ‘homem pega mulher por fora’, reforça a naturalização e reafirmação da ordem patriarcal de gênero, o poder do macho sobre a fêmea objetificada

“[...] era rapariguento. Quantos homens tem ai que pega muler fora? [...] arrumou nega por fora.” (Maricotinha)

A fala a seguir, traz o recorte da uma vida carregada de sofrimento. A entrevistada foi, na sua infância e adolescência, submetida a abuso sexual e estupro quando foi para casa de conhecida’ para não morrer de fome na roça’. Em idade adulta, relacionou-se com a genitor de sua filha. O vínculo conjugal foi rompido em função da infidelidade, como relata abaixo. Depois, reconstituiu o vínculo, dessa vez, com o pai de seu filho, entretanto, mais uma vez, romperam o relacionamento. Atualmente, convive com a filha e o filho. Nesse relato, traz a situação de uma tia que sofreu do marido, este, a espancava frequentemente. A entrevistada também ressalta que o agressor, violentava a sua genitora, que por ser alcoolista, não exercia controle sobre suas ações.

⁵ Ressalto que todas as mulheres entrevistadas assinaram Termo de Consentimento Livre e esclarecido- TCLE.

⁶ Os nomes aqui explicitados, são fictícios para preservar a identidades das entrevistadas.

“ [...] ele arranhou outra, uma colega minha. Ele está com outra. [...] esse mesmo tio pegava minha mãe também e eu sem poder fazer nada.[...] minha tia era espancada, [...], morreu. [...] Ele hoje está vivo, ta aí com outra[...]” (Gildonete)

A seguir, narrativas da violência de gênero na sua modalidade multigeracional intensifica o fenômeno ressignificado no continuum entre o passado, presente e cenas do passado revividas. Mãe e filha experienciam amaterialização da relação patriarcal de gênero. O pai de Josiela, usava do poder patriarcal para não somente explicitar seu relacionamento extraconjugal, também usar de atos brutais, violência doméstica, familiar, patrimonial, simbólica, enfim, múltiplas violências de gênero que cabem nesse guarda-chuva vivencidas no cotidiano familiar. Sempre ameaçava a esposa afirmando que iria matá-la. Embora sua morte do algoz antecedeu de sua vitimizada. É ela que ressalta: “ [...] *ele morreu no passadiço da casa da outra*” (refriu-se à entrada da casa da mulher com quem ele mantinha relacionamento amoroso).

Josiela, tem um casal de filhos. Em sua fala, traz relatos de cenas violentadas: o marido entra em casa pilotando moto, o que danifica a porta por estar fechada, comete violência moral, psicológica, física, patrimonial, tal como seu pai fazia com sua mãe.

Interessante, a mãe chama a atenção da filha Josiela, esta, ao se reportar à mulher com quem seu pai mantinha relacionamento extraconjugal, a nomeia por “nega”. Então Chica diz que “não é nega, não”, é “muler da rua”.

Nessa observação, posso considerar a crítica de Chica no tocante ao racismo da filha, ser em decorrência de sua participação nas atividades do projeto de extensão⁷, o qual coordenei em comunidades rurais, por exemplo a localidade das entrevistadas, muito embora, somente Chica participou, Josiela, não. Nas minhas falas sobre a lei 11.340/2006

“[...] ele era de arrumar muita nega. Teve uma vez que as negas foi pra minha porta.” (Josiela)

“[...] marido que arrumou muler no mundo. [...] por causa das negas dele, as negas dele.[...] Não é nega não[...], é muler, muler de rua, a gente chama mulher de rua[...]” (Chica)

Nos arremates das falas, é Sofia, mulher com 21 anos, mãe de duas meninas, gêmeas. No momento da entrevista, estavam com 01 e 02 meses. Sofia relatou que seu sofrimento é datado desde tenra idade, foi compulsorimente trabalhar na roça com 05 anos de idade. Sua genitora era enferma e, ainda assim, o cotidiano era marcado por violência doméstica e familiar. Resulta que passou a pobreza extrema comprometia a compra de gêneros alimentícios. Seu pai, embora a esposa com quadro de doença degenerativo, não relutou em constituir outra família, e construiu sua residência nos fundos da casa da primeira família. O que lhe

⁷ Projeto de extensão: “**A MARIA DA PENHA**” EM MOVIMENTO: conversando e aprendendo sobre violência contra mulher em contextos rurais (2015). Aprovado pelo IFBAIANO/ Pró- Reitoria de Extensão.

conferia o poder de controlar as duas famílias. A genitora de Sofia faleceu e, por não ter sepado legalmente, seu genitor recebe a pensão por morte.

Sofia, relatou que o sofrimento doméstico foi o responsável por ter estreitado vínculo conjugal com o pai de suas filhas. Novamente, cenas de violência se repetiam na sua vida entretanto, durante as falas repetia: “*eu amo meu marido*”. Em outra oportunidade de evocação : “[...] *soube que ele tava com nega [...]*” (Sofia)

Anita, mulher com 65 anos, viúva e aposentada pelo Funrural. Ela nas suas narrativas de sessões violentas que conviveu por períodos prolongados de sua vida conjugal, ressaltou que seu marido exercia sua virilidade ao manter relações extraconjugais, o que com frequência, desencadeava conflitos domésticos. Sua fala evoca:

Ele era muito neguero gostava de namorar na rua. [...] Neguero. Cheio de Nega na rua. (riso) Cheio de Nega. Rapariguento (riso) ai, eu não aceitava. Ai a gente começa a discutir, começava desentender depois tudo deu errado, que acabou nós se separando mesmo. O amor foi morrendo, morrendo e acabou mesmo[...].

Recorrências de abusos machistas nas vidas das entrevistas ressaltam como gênero e raça marcaram e certamente, feridas da alma as fazem lembrar com pesar sofrimentos, mesmo após separação ou mesmo morte de seus agressores.

Conclusões

As contribuições teóricas e empíricas contidas no artigo, são oriundas de revisões bibliográficas e pesquisa de campo, parte constitutiva dos estudos referente às violências de gênero no meio rural. Busquei adentrar nas discussões, as quais, serão ampliadas, entretanto, apenas esbocei, brevemente sobre gênero e raça, haja vista a proposta de formatação que o artigo aqui elaborado teve que seguir.

Portanto, a análise e problematização dos marcadores sociais de diferença: gênero e raça, contextualizado a partir de dados empíricos, não obstante, precisam de visibilidade no meio acadêmico, ao invés de permanecer como temas periféricos. As categorias mencionadas, são arraigadas por passado colonial, embora práticas sociais racistas e sexistas na atualidade, as reforçam na vida de mulheres negras, pertencentes ao grupo social inferiorizado no curso de sua história, pelo grupo dominante da época (WERNECK, 2010).

Apesar da maioria das entrevistadas se autodeclararem negras, suas falas denotam atitudes racistas, ou seja, discursos reproduzidos do imaginário social, a partir da lógica, tudo que não presta é negro/a. Nesta concepção, ser a outra, a amante, é “a nega dele”.

Na perspectiva de redefinir as discussões singulares intrínseca na condição de mulher, negra imersa no passado colonial, ativistas impulsionaram a construir sua organização com expressividade peculiar com

vistas a intensificar reflexões críticas na luta pelo protagonismo de mulheres negras e, conseqüentemente, contra a opressão dos marcadores de exclusão: raça e gênero.

A mulher negra, está em desvantagem no mercado afetivo, é ela a antimusa. É estigmatizada duplamente (gênero e raça); a posição social da mulher negra, outrora mucama, hoje, permanece a ocupar lugares secundários, a exemplo “da nega dele”. São elas, invisíveis na condição de sujeito político; mulheres negras trabalhadoras rurais guardam nas trajetórias de suas vidas, multifaces da violência simbólica, racial e psicológica motivada por sua imagem desvalorizada no imaginário social pós- colonial e ao permanecer condicionada às relações extraconjugais (CARNEIRO, 2002).

Carneiro (2003) é veemente na sua discussão sobre a luta das mulheres negras em ampliar a concepção de violência contra a mulher. Sendo esse fenômeno multiforme, a autora salienta a necessidade de inserir nesse contexto, o conceito de violência racial materializadas nas multifaces dos atos brutais (com ou sem marcas visíveis) perpetrados por pessoas sexistas, racistas e misóginas.

O que se espera é que, as mulheres negras, possam, cada vez, no seu universo singular e plural, fortalecer a luta antirracista e antissexista, quer nos meios populares, quer nos meios acadêmicos e que possam ampliar as discussões nos meios populares, contribuir assim, com a elevação de ativistas, sujeitos políticos que resistem, persistem e insistem contra a discriminação racial e desigualdade de gênero. Alargar os horizontes na certeza de visibilizar mulheres negras segregadas socialmente, influenciadas por discursos racistas e razões particulares a impedem de assumir sua negritude, seu pertencimento a raça de um povo com sua História mal contada.

Ser mulher negra, sermos mulheres negras possibilita a continuidade do movimento que há a mais de três décadas tem fortalecido o protagonismo social de um grupo de mulheres herdeiras de estigmas, direitos humanos violados pelo estupro colonial, retratada enquanto coisificação, objetivação, símbolo sexual; espaço laboral, no passado mucama, ama de leite, na contemporaneidade, empregada doméstica, papéis secundários. Fortalecer esse movimento social é promover a autonomia de nós, mulheres negras propositivas e sujeitos de nossa própria história de vida. Viver numa sociedade “[...] onde caibamos todas com as nossas diferenças e semelhanças.” (RIBEIRO, 1995, p. 457)

Sistematizar nossos saberes com perspectivas de desenvolver ações que contribuam para emergir potencialidades de mulheres rurais baianas e despertar a sua autoestima no cotidiano patriarcal compulsório. E, operacionalizar ações baseadas na elevação da autoestima da figura feminina, seu lugar de fala, suas experiências, limitações à promoção econômica, sócio- histórica, cultural e política. Rememorar a invisibilidade da mulher na construção de sua história, destaque à mulher rural, com sua vida recheada de submissão e poder patriarcal, possibilitará o despertar do sujeito político, ainda tímido no interior das mulheres.

É preciso posicionarmos, saber que a luta antissexista e antirracista pertence a todas as mulheres. Para tanto, a reflexão, legado de Lélia Gonzalez que nos diz: “O lugar em que nos situamos determinará nossa interpretação sobre o duplo fenômeno do racismo e do sexismo” (1980, 224).

Referências

BANDEIRA, Lourdes: **Violência de Gênero: a construção de um campo teórico e de investigação.** Revista Sociedade e Estado- Volume 29, Número 2 Maio/Agosto 2014.

BECKER, S, HOWARD. Problemas de Inferência e Prova na Observação Participante. In _____ **Métodos de Pesquisa Em Ciências Sociais.** – 4ª ed.- São Paulo: Hucitec, 1999. p. 47-133.

CARNEIRO, Sueli. **Gênero, Raça e Ascensão Social.** Estudos Feministas. N.2, 1995.

_____. Raça e Gênero. In: BRUSCHINI, C. & UNBEHAUM, S. (org.) **Gênero, Democracia e Sociedade Brasileira,** p. 167-194, Editora 34, São Paulo, 2002

_____. Mulheres negras, violência e pobreza. In. Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres (Brasil) **Programa d4 Prevenção, Assistência e Combate À Violência Contra A Mulher – Plano Nacional: diálogos sobre violência doméstica e de gênero: construindo políticas públicas / Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres.** – Brasília: A Secretaria, 2003, p. 10-19.

CHIZZOTTI, Antônio. História de Vida In _____ **Pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais.** 10. ed.- São Paulo: Cortez, 2009, p.95-98.

FREYRE, Gilberto. **Casa- Grande & Senzala,** 50ª edição. Global, São Paulo, 2005

GILL, Scherto; GOODSON, Ivor. Método de história de vida e narrativa. In. **Teoria e Métodos de Pesquisa Social.** SOMEKH, Bridge; LEWIN, Cathy (Orgs). Petrópolis: Vozes, 2015, p. 215-224.

GONZALEZ, Lélia. **Racismo e sexismo na cultura brasileira.** In: **Revista Ciências Sociais Hoje,** ANPOCS, 1984, p. 223-244.

_____. **Racismo, Sexismo e Desigualdade no Brasil.** – São Paulo, Selo Negro, 2011.

JOVCHELOVICH S; BAUER MW. Entrevista Narrativa. In: Bauer MW, Gaskell G. **Pesquisa Qualitativa Com Texto, Imagem e Som: um Manual Prático.** Petrópolis: Vozes; 2002, p. 90-113

LISBOA, Tereza Kleba. **Violência de gênero, políticas públicas para o seu enfrentamento e o papel do serviço social.** Disponível em: <http://periodicos.ufes.br/temporalis/article/view/6543/5839>. Acesso em 20/01/15.

LINO, Nilma. Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre relações raciais no Brasil: uma breve discussão. In. **Educação Anti-Racista: caminhos abertos pela Lei Federal nº 10.639/03** / Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. – Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005. 236 p. (Coleção Educação para todos), p. 39-64.

MUYLAERT, Camila Junqueira, et all. **Entrevistas Narrativas: um importante recurso** em pesquisa qualitativa. Disponível em: http://www.scielo.br/pdf/reeusp/v48nspe2/pt_0080-6234-reeusp-48-nspe2-00184.pdf. Acesso em 03/02/17.

RIBEIRO, Matilde. **MULHERES NEGRAS BRASILEIRAS: de Bertioga a Beijing**. Disponível em: <https://www.espacoacademico.com.br/022/22csilva.htm>. Acesso 03/ 04/14.

SAFFIOTI, Heleieth I. B.: **GÊNERO, PATRIARCADO, VIOLÊNCIA**. - São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004. - (Coleção Brasil Urgente).

WERNECK, Jurema. **Nossos passos vêm de longe! Movimento de mulheres negras e estratégias políticas contra o sexismo e o racismo**. Revista da ABPN, v. 1, n. 1, p. 1-11, mar./jun. 2010a. Disponível em: <http://www.abpn.org.br/Revista/index.php/edicoes/article/view/20/10>>. Acesso em: 23 mar. 2011.

_____ ; XAVIER, Lúcia. Mulheres e trabalho: o que mudou para as mulheres negras no mercado de trabalho? In. VENTURI, Gustavo e GODINHO, Tatau (Orgs). **Mulheres brasileiras e gênero nos espaços público e privado: uma década de mudança na opinião pública**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo: Edições Sesc SP, 2013, pp.257-278.